

## Epistemologias do corpo: Sapatonas negras e cosmopercepções algorítmicas

Raíla de Melo Alves<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de suscitar reflexões sobre epistemologias do corpo a partir de uma análise das experiências de corporalidades e desumanizações de sapatonas negras dentro e fora das cyber-fronteiras. O objetivo específico é pensar a cyber-esfera e narrativas sobre corpos de sapatonas negras a partir de uma perspectiva de cosmopercepções algorítmicas, apresentada pela autora Oyèrónké Oyèwùmi. A proposta é, a partir da ideia de cosmopercepção algorítmica, debater como os resultados obtidos em ferramentas de busca da internet estão atrelados a uma cosmovisão eurocentrada, racista e lesbofóbica que está engendrada nos algoritmos digitais. Para isso, utilizo os métodos de revisão bibliográfica e etnografia digital, analisando ferramentas de busca a partir do Brasil.

**Palavras-chave:** cosmopercepções algorítmicas; sapatonas negras; lesbianidades; decolonialidade.

---

<sup>1</sup> Raíla de Melo é ativista e pesquisadora zami, sapatão negra, bacharela em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (UnICEUB) e advogada. É mestra em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos, da Universidade de Brasília (UnB) e Doutoranda em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH/UnB). Foi International Fellow no The Center for Black, Brown and Queer+ Studies (20/21). Além disso, é pesquisadora associada na Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras e Negros (ABPN), na Association of Internet Researchers (AIR) e participa dos grupos AqaltuneLab e Black in AI. Trabalha, vive e pesquisa temas de tecnologias e suas intersecções com raça, gênero e sexualidades.

## **Início de conversa - Epistemologias do corpo: uma visão Ocidental**

As reflexões que deram origem a este artigo foram suscitadas a partir da leitura do texto da professora e pesquisadora negra nigeriana Oyèrónké Oyěwùmi: “Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos”<sup>2</sup>, extraído do livro *The African Philosophy Reader*, composto por oito seções que contém reflexões sobre assuntos relacionados à ética, metafísica e epistemologias africanas, compilando sobretudo pesquisas com foco em perspectivas pós-coloniais e decoloniais a partir do continente africano.

Para a compreensão da proposta aqui apresentada, é fundamental que a leitora/o leitor esteja familiarizado com o conceito apresentado por Oyěwùmi acerca dentro da ideia de epistemologia da corporalidade e sua ligação com o conceito de cosmopercepção. Segundo a autora, tanto as produções acadêmicas, quanto as próprias experiências de sociedade e existências com foco eurocentrado, privilegiam a visão em relação a outros sentidos, uma vez que a própria construção de uma sociedade generificada/universalizada e racializada se faz a partir da diferenciação corporal de seres humanos (OYĚWÙMÍ, 2002, p.03).

A autora exemplifica a sobreposição da visão sobre os demais sentidos a partir do termo “cosmovisão”, que tanto é utilizado em estudos de ciências humanas e sociais, e o quanto possui uma lógica eurocentrada enraizada. Dessa forma, ela emprega as palavras “cosmovisão” e “cosmopercepção”<sup>3</sup> de forma a evidenciar o antagonismo entre elas.

O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de

---

<sup>2</sup> Tradução livre.

<sup>3</sup> Cosmopercepção reflete tradução do termo “world-sense”, feita por wanderson flor do nascimento, tradutor da obra “*Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos*”.

descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, “cosmovisão” só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e “cosmopercepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos. (OYĚWÙMÍ, 2002, p.03)

A autora chama atenção às mudanças que sofreram as relações de gênero desde que começaram a ser forjadas sob uma lógica ocidental, mas que a constante em meio a essas mudanças sociais e históricas tem sido a centralidade do corpo para evidenciar as diferenças. A própria noção de patriarcado e da forma de existir enquanto “mulher” representa uma universalização do que representa o ser mulher, que frequentemente é associada às categorias: branca, cisgênero e heterossexual.

Consequentemente, a suposição e o desdobramento do patriarcado e das “mulheres” como universais em muitos escritos feministas são etnocêntricos e demonstram a hegemonia do Ocidente em relação a outros agrupamentos culturais. A emergência do patriarcado como uma forma de organização social na história ocidental é uma função da diferenciação entre corpos masculinos e femininos, uma diferença enraizada no visual, uma diferença que não pode ser reduzida à biologia e que deve ser entendida como sendo constituída dentro de realidades históricas e sociais particulares. (OYĚWÙMÍ, 2002, p.03).

Rompendo com a noção universalizante a quem atende a definição de ser mulher e do que compreendemos por sexualidades, sob uma cosmovisão branca e heterocisgênera enviezada, Zethu Matebeni, pesquisadora e ativista negra sul-africana, refletindo sobre essas categorias desde uma perspectiva do sul global, também demonstra que corpos de negras lésbicas/sapatonas também se moldam à partir do lugar da diferenciação:

Na África do Sul, corpos de mulheres negras têm sido mal-representados como forma de objetos exóticos e corpos mortos, para além de outras coisas (Enwezor, 1997). Corpos de lésbicas negras têm sido especulados, sobretudo sob uma lente heterossexual e sexista, e em relação a homens gays, têm sido exotizados e outrificados (MATEBENI, 2011, p.181, tradução livre)

Parte da elaboração das bases ocidentais e coloniais em focar na diferenciação corporal, atribuindo, conseqüentemente, um valor especial ao sentido da visão, envolve um processo constante de invisibilizar outras possibilidades de existências, outros existires. Nessa percepção, a autora chama atenção às mudanças que sofreram essas relações de gênero desde que começaram a ser forjadas na lógica ocidental, mas que a constante em meio a essas mudanças sociais e históricas tem sido a centralidade do corpo para evidenciar as diferenças.

A própria noção de patriarcado e a forma de existir enquanto “mulher”, em geral, não abarca os múltiplos significados e contextos da palavra, universalizando-a de forma que a imagem que temos quando pensamos nela é frequentemente associada às categorias: branca, cisgênero e heterossexual. Esse projeto de universalização - que também é um projeto político de exclusão - a partir de uma cosmovisão branca, segue se perpetuando na sociedade, sobretudo por meio dos algoritmos digitais, em ferramentas de busca a exemplo do *google*, *bing* e *yahoo* – analisadas neste trabalho.

A proposta deste artigo é justamente levantar questionamentos sobre a perpetuação de uma cosmovisão eurocentrada - e a conseqüente diferenciação através de corpos - para refletirmos sobre como esta ideia, enquanto projeto político, segue se perpetuando na cyber-esfera e o impacto que essas narrativas têm, especificamente, sob corpos de sapatonas negras. Como proposta de ferramenta analítica, inspirada por Oyeronké, sugiro repensarmos e substituírmos essa cosmovisão por o que proponho aqui enquanto *cosmopercepções algorítmicas*, conceito que será melhor abordado no tópico a seguir.

### **Narrativas sobre lesbianidades e sapatônicas nas cyber-fronteiras: reflexões sobre cosmopercepções algorítmicas e suas possibilidades**

O que é ser mulher, para você? E lésbica? E sapatão? Dou início às nossas reflexões neste tópico a partir destas perguntas e peço que você, leitora/leitor, dispense alguns minutos para refletir bem sobre as primeiras imagens que vêm à sua cabeça quando pensamos em cada uma dessas palavras. *Mulher. Lésbica. Sapatão. Mulher. Lésbica. Sapatão.*

Quando pensamos separadamente nestas palavras, é importante percebermos qual a cor que elas têm e também se, para você, representam a mesma imagem. É interessante aqui, observarmos, que frequentemente essas palavras são normalmente diferenciadas e também pensadas sob uma lógica imagética binária. *Mulher. Lésbica. Sapatão.* Você conseguiria pensar nessas palavras sem associá-las a imagens? Sugiro essa reflexão inicial como forma ilustrativa para demonstrar o quanto essa diferenciação é perpetuada por meio dos algoritmos e cada vez mais enraizadas através deles. Mas, afinal, o que são algoritmos?

A pesquisadora negra estadunidense, Ruha Benjamin, compreende algoritmos enquanto “*um conjunto de instruções, regras e cálculos projetados para resolver problemas*” (BENJAMIN, 2019, p.02). Safyia Noble, pesquisadora negra e também estadunidense, explica algoritmos para além da ideia de que formulações matemáticas que nos direcionam a decisões automatizadas são feitas por mãos humanas. Para a autora,

Parte do desafio de compreender a opressão algorítmica é entender que formulações matemáticas que nos levam a decisões automatizadas são feitas por seres humanos. Enquanto nós normalmente pensamos em termos como “big data” e “algoritmos” enquanto benignos, neutros, ou objetivos, eles são qualquer coisa menos isso. As pessoas que tomam essas decisões possuem todos os tipos de valores, muitos dos quais abertamente promovem racismo, sexismo, e falsa noção de meritocracia, o que é bem documentado em estudos sobre o Vale do Silício e outros corredores de tecnologia (NOBLE, 2018, p.3, tradução livre).

E por que refletir sobre isso é importante? Para Tarcizio Silva, pesquisador negro brasileiro, refletir sobre algoritmos e seu papel na sociedade é imprescindível para desneutralizarmos as ideias de tecnologias e seus códigos, a fim de contextualizarmos o impacto que isso tem em processos de elaborações identitárias.

Conflitos epistêmicos sobre o papel da internet na relação, intensificação ou erosão de grupos identitários e suas controvérsias estiveram presentes desde as primeiras discussões acadêmicas e vernaculares sobre comunicação e cultura digital. A ideia de um self cambiante que poderia ser diferente a cada nova janela dos ambientes online ganhou popularidade sobretudo em um período que: a) os ambientes digitais eram ainda informacionalmente escassos, com poucas modalidades de comunicação, focando sobretudo em textualidade; b) não havia massa crítica de pesquisadores advindos de populações racializadas nos países de diáspora africana; c) a pretensão de neutralidade das plataformas e mídias, advindas de um tecnoliberalismo em consolidação, já se fazia vigente. Entretanto, grupos de cientistas, teóricas e ativistas da comunicação e tecnologia apontaram os processos pelos quais a construção tanto das tecnologias digitais de comunicação quanto da ideologia do Vale do Silício são racializadas, a partir de uma lógica da supremacia branca (SILVA, 2021, p.121)

Considerando que os processos de elaboração de códigos sociais e algoritmos digitais partem são elaborados por seres humanos, majoritariamente homens, do norte global, cisgêneros, brancos e héteros, pensar narrativas de sapatônicas e lesbianidades na cyber-esfera significa, frequentemente, pensar sob uma lógica de *cosmovisão* eurocentrada. Nesse sentido, Lucas Veiga, pesquisador e psicanalista negro brasileiro, demonstra a importância de evidenciarmos subjetividades de pessoas negras como forma de recuperar a humanização que nos foi retirada na experiência de uma diáspora-africana colonial.

Vivemos num país antinegro e isso tem nocivos efeitos sobre as subjetividades negras. O termo subjetividade aqui se refere à produção de modos de ser, estar, sentir e perceber o mundo. São inúmeros os vetores que se atravessam na constituição das subjetividades. O racismo é um desses vetores que, nas subjetividades negras, é o catalisador dos demais, a partir do

qual toda uma configuração existencial é montada. Numa sociedade supremacista branca como a que vivemos, ser negro é, num certo sentido, não ser humano. A racionalização branca produziu um senso de humanidade à sua imagem e semelhança, ou seja, quanto mais próximo da brancura, mais reconhecido como humano se é; quanto mais próximo da negritude, menos humano se é. Tal construção do racismo é um ataque direto ao sentido africano de humanidade no qual “ser humano é ser um espírito em contato constante com os poderes espirituais que habitam o invisível; ser uma força espiritual conectada a uma energia em eterna expansão cuja totalidade constitui o Ser Supremo” (NOBLES, 2009, p. 282). A pessoa humana, assim como todo ser existente, é de um valor incomensurável e, portanto, é livre. (VEIGA, 2018, p.79)

Para realizarmos um verdadeiro giro decolonial (GROSFOGUEL, 2016, p. 27/28) a partir de cosmopercepções algorítmicas, com o intuito de compreendermos identidades de sapatonas e lésbicas negras, que, na cyber-esfera são frequentemente associadas às formas como os desenvolvedores de códigos, geralmente do Vale do Silício, enxergam essas identidades, passamos necessariamente pelas propostas de interseccionalidade e decolonialidade.

Para compreendermos a noção de decolonialidade devemos, primeiro, compreender a ideia de colonização. Para nos atermos à toda a proposta analítica deste artigo, sugiro a compreensão dessas categorias a partir da própria proposta de Oyèrónké Oyèwùmi. Para ela, a explicação de colonização “*não repousa apenas sobre o período formal da colonização*”. Trata-se de um projeto contínuo, sendo importante entender “*o período do tráfico escravagista atlântico como uma parte integrante desse processo. Na história iorubá, não existe maneira lógica de separar esses dois períodos*” (OYEWUMI, 2021, p.25). Decolonialidade, portanto,

Para que você, leitora/leitor, possa compreender melhor a relevância de utilizarmos outros sentidos para pensar identidades, sobretudo na cyber-esfera, analisaremos, aqui, alguns resultados de três ferramentas de busca mais utilizadas do mundo: *google*, *bing* e *yahoo*. As escolhas dessas ferramentas foram feitas a partir de pesquisas em sites eletrônicos de tecnologia que apontaram essas como três das cinco ferramentas mais utilizadas no mundo e no Brasil (NEILPATEL, 2021).

A pesquisadora branca brasileira, Julianna Motter, que investiga discursos de ódio contra ativistas lésbicas na internet, no artigo “*Google, a compreensão das lesbianidades e o devir algorítmico*”, define buscadores de internet (ou ferramentas de busca) como

programas com uma arquitetura de códigos com a função de varrer a internet pelas palavras chaves no comando de pesquisa, são símbolos importantes da internet como conhecemos hoje e se desenvolveram ao longo dos anos para aprimorar a capacidade de busca e pesquisa podendo, em segundos, reunir milhões de sites contendo a palavra ou expressão buscada. Os buscadores são, hoje, a fonte de conhecimento para qual recorrem os indivíduos atrás de conteúdos e informações sobre os assuntos desejados. (MOTTER, 2021, p.130)

Sendo as ferramentas de busca (ou buscadores), frutos de algoritmos e fórmulas matemáticas - situados em contextos racializados, com gênero e sexualidade - que varre palavras-chave nos comandos de pesquisa, qual a sua função na perpetuação de discursos racistas e lesbofóbicos? Foi refletindo sobre buscadores a partir de uma perspectiva interseccional que Safyia Noble percebeu os impactos desses mecanismos no desenvolvimento de subjetividades de meninas negras, quando pesquisou no buscador *google* as palavras “black girls”<sup>4</sup> e teve como primeiro resultado de busca a indicação para um sítio eletrônico pornográfico (NOBLE, 2018, p.25).

O livro de Noble foi lançado em 2018, mas o que aconteceria se digitarmos, por exemplo, a palavra “mulher” nesses buscadores hoje, no ano de 2021? Quais resultados obteríamos? E as palavras “mulher lésbica” e “sapatão”? Para termos noção dessa cosmovisão, assim como do racismo e lesbofobia contido nessas ferramentas de busca, vamos compreender três das ferramentas de busca mais utilizados: *google*, *bing* e *yahoo*. Vejamos o resultado obtido na primeira consulta por imagens, tendo como base

---

<sup>4</sup> Tradução livres: meninas pretas



os 30 primeiros resultados obtidos e como critério a palavra-chave “mulher” em pesquisa feita em modo anônimo no navegador Microsoft Edge<sup>5</sup>:

**Quadro 1** – Critério de pesquisa “mulher”

<b>Ferramenta de busca</b>	<b>Critério de pesquisa (palavra-chave)</b>	<b>Raça<sup>6</sup>: % dos 30 primeiros resultados em busca por imagens</b>	<b>Expressão de gênero: % dos 30 primeiros resultados em busca por imagens</b>
Google	Mulher	26,6% das mulheres na busca eram negras (8 imagens de 30)	6,6% das mulheres na busca performavam fora da lógica binária de gênero (1 resultado de 30), para além do quesito raça.
Bing	Mulher	2,6% das mulheres na busca eram negras (02 imagens de 30)	0,3% das mulheres na busca performavam fora da lógica binária de gênero (1 resultado de 30), para além do quesito raça.
Yahoo	Mulher	2,6% das mulheres na busca eram negras (02 imagens de 30)	0,3% das mulheres na busca performavam fora da lógica binária de gênero (1 resultado de 30), para além do quesito raça.

Fonte: elaboração própria. Data da pesquisa: 17/05/2021.

No resultado obtido com a palavra-chave “mulher”, conseguimos constatar um sentido imagético e lógico cultural que apreende essa palavra a partir das experiências

<sup>5</sup> Realizar a pesquisa em modo anônimo me permitiu obter resultados menos enviesados pela utilização pessoal do meu navegador, uma vez que o modo anônimo não armazena dados de histórico de navegação e cookies, dificultando que o buscador responda de acordo com os resultados de minhas consultas de uso cotidiano.

<sup>6</sup> É importante destacar que para a análise racial foi utilizado o critério da heteroclassificação, realizado pela autora deste artigo.

de mulheres brancas e que normalmente performam sob uma lógica binária de gênero, ou seja, no imaginário social, mulher é majoritariamente associada a uma experiência de mulheres brancas cisgênero.

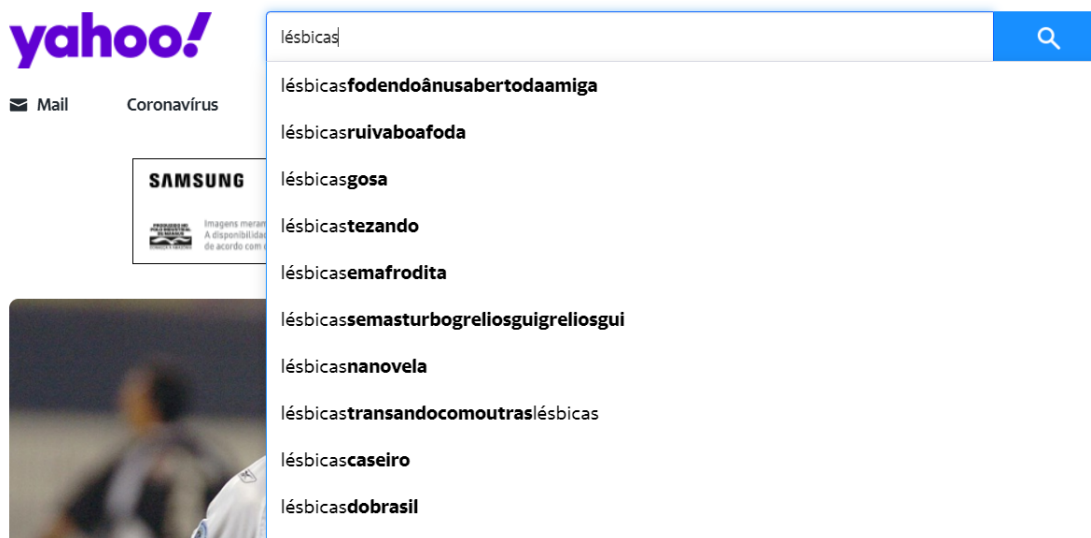
Dentre os três mecanismos de busca aqui analisados, o banco de imagem do buscador *yahoo* continuou apresentando resultados mais enviesados, em termos de evidenciar ainda mais as opressões algorítmicas. Nos primeiros 50 resultados por imagens, já são apresentadas imagens hiperssexualizadas de mulheres – brancas, em sua maioria.

**Quadro 2 – Critério de pesquisa “lésbica”**

Ferramenta de busca	Critério de pesquisa (palavra-chave)	Raça: % dos 30 primeiros resultados em busca por imagens	Expressão de gênero: % dos 30 primeiros resultados em busca por imagens
Google	Lésbica	13,3% das lésbicas na busca eram negras (4 imagens de 30)	10% das lésbicas na busca performavam fora da lógica binária de gênero (3 imagens de 30)
Bing	Lésbica	100% do resultado da busca eram pessoas brancas	100% do resultado da busca performavam dentro de uma lógica binária de gênero
Yahoo	Lésbica	100% do resultado da busca eram pessoas brancas	100% do resultado da busca eram pessoas brancas

Quando alteramos o critério de busca para a palavra “lésbica”, o buscador Yahoo continuou apresentando os piores resultados na busca por. Dentre os primeiros 30 (trinta) resultados, três imagens representavam cenas de sexo entre mulheres extraídas de sítios eletrônicos pornográficos. Ainda, o site nos recomenda as seguintes sugestões de pesquisa quando inserimos a palavra “lésbica”:

Imagem 1 – Print de tela do mecanismo de busca do yahoo!



Fonte: print de elaboração própria do site *yahoo*. Data da pesquisa: 17/05/2021

Quando alteramos o critério de pesquisa para “sapatonas”, nas três ferramentas de busca apresentam resultados imagéticos diversos e bastante aleatórios: imagens de sapatos, *memes* e pessoas com expressão de gênero que divergem da lógica binária *homem e mulher*, dentre essas, sapatonas influenciadoras e entrevistadas por veículos de informação foram alguns dos resultados obtidos. Em decorrência da aleatoriedade apresentada, não realizei a esquematização em quadro, como fiz com os resultados das outras categorias. No entanto, desses resultados obtidos pode-se aferir que a palavra “sapatonas”, nos três mecanismos de busca, está muito mais associada a piadas e memes<sup>7</sup>, sobretudo relacionadas ao fato de essas mulheres\*<sup>8</sup> não performarem gênero

<sup>7</sup> Por memes, aqui, trabalhamos com a definição multidimensional da pesquisadora branca israelense Limor Shifman, segundo a qual memes são “*um grupo de itens digitais compartilhando características comuns de conteúdo, forma e/ou estância, que podem ser criados com consciência do outro, e circulados, imitados e/ou transformados via internet por muitas e muitos usuários*” (SHIFMAN, Limor, 2014).

<sup>8</sup> O asterisco seguido à palavra “mulheres” deve-se ao fato de que algumas sapatonas problematizam e não se identificam com a categoria “mulher”. Outras sapatonas e lésbicas, reafirmam este lugar como forma de reivindicar suas mulheridades dentro de corpos sapatonas, ressignificando, assim, o termo “mulher”.

dentro de uma lógica binária e patriarcal – reflexo de um imaginário reducionista e violenta do ser sapatão/sapatona.

Refletir sobre esses resultados, e o porquê de serem violências inadmissíveis, também significa refletir de forma cuidadosa e aprofundada sobre os cálculos matemáticos enviesados envolvidos na resposta à busca “lésbicas”. Esses resultados demonstram que os algoritmos e, portanto, fórmulas matemáticas que buscam solucionar problemas não são neutros. O tão difundido mito da neutralidade tecnológica em muito reflete uma proposta de universalização de experiências que rompe barreiras físicas e encontram guarida nas cyber-esferas.

Ou seja, uma jovem lésbica, por exemplo, que estivesse tentando compreender sua sexualidade e utilizasse o buscador yahoo para isso, teria como resposta rápida a indicação de que lésbica *igual a* pornografia. E aqui, mais uma vez, o sentido da visão é sobreposto aos demais para cumprir o seu propósito eurocêntrico da diferenciação. Diferenciar a norma, que é a sexualidade heterossexual, do *outro*, do diferente, do objetificado: corpos sapatonas.

Quando visualizamos esses corpos, essas corpos, observamos que a proposta colonial e ocidental para lésbicas e sapatonas é de subsumi-los e defini-los sob lentes racistas e machistas, como objetos sexuais. Ora, não é essa a imagem e representação que queremos que sapatonas e lésbicas tenham de si mesmas e partir do momento em que temos nossas subjetividades definidas a partir dessa ideia, limitamos as cosmopercepções de nós mesmas, nos guiando enquanto seres identitários e subjetivos a partir de uma cosmovisão heterocisnormativa, machista e eurocentrada.

A poeta e escritora negra estadunidense, Audre Lorde, em seu texto “*Os usos do erótico: o erótico enquanto poder*” destaca a importância de rechaçarmos a pornografia enquanto uma representação de nós mesmas. Para a autora, “*pornografia é a negação direta do poder do erótico, que representa a supressão do sentimento real. Pornografia enfatiza sensação sem sentimento*”. (LORDE, 1984, p.43).

Além dos critérios de busca analisados acima, a ferramenta *yahoo* também apresentou os piores resultados quando o critério de busca foi racializado. Para as palavras “negras lésbicas” o sistema apresentou 12 de suas primeiras trinta respostas na busca por imagens resultados pornográficos envolvendo mulheres negras, o equivalente a 40% do total do resultado apresentado. Isso apenas para as primeiras 30 respostas. Faço esta ressalva porque é seguro afirmar que mais de 50% dos cem primeiros resultados apresentados neste sítio eletrônico foram imagens pornográficas.

É importante destacar que a ferramenta google, apesar de ter apresentado resultados menos degradantes para os critérios utilizados, sofreu uma mudança recente em seu algoritmo para que parasse de apresentar resultados pornográficos para a busca da palavra lésbica em sua base de dados, sobretudo por imagens. Julianna Motter destaca que a mudança no algoritmo do buscador google é recente. A pesquisadora demonstra que a mudança foi realizada em 2019, após a campanha intitulada #SEOlesbienne, disseminada no Twitter e encabeçada por Fanchon Mayaudon-Nehlig, ativista branca francesa.

SEO é a sigla para Search Engine Optimization, um mecanismo para otimização dos resultados mais aparentes nas buscas. A ação conseguiu que o maior buscador de conteúdo da internet, Google, mudasse o algoritmo de resultados de pesquisas para o termo lesbienne (lésbica, em francês), os termos relacionados e sua tradução para outros idiomas. (MOTTER, 2021, p. 03)

No entanto, como lésbicas e sapatonas negras se reconhecem a partir de uma cosmovisão branca presente nos algoritmos das ferramentas de busca? Os resultados desta pesquisa demonstram que, para o google, apenas 10% dos primeiros trinta resultados apresentados na ferramenta são imagens de lésbicas negras. No *bing* e *yahoo* essa porcentagem vai a zero, uma vez que todas as trinta primeiras imagens apresentam pessoas brancas para os resultados da palavra-chave “lésbica”.

Considerando que uma das ferramentas utilizadas pelo Ocidente para estabelecer diferenciações e manter sociedades desiguais é a prevalência do sentido da visão, conforme demonstrado até o momento, proponho à leitora, ao leitor, a seguinte reflexão: por que precisamos de resultados de busca por imagens? Além disso: se compreendemos sujeitos, trajetórias, vidas, identidades e narrativas a partir de imagens, por que essas imagens são brancas?

Estudos étnico-raciais realizados por pesquisadoras e pesquisadores negras e negros ao redor do mundo nos demonstram que corpos e corpos brancos são frequentemente associados ao universal, ao comum, ao certo, ao bom, ao angelical (GONZALEZ, 1984, p.225). Considerar a proposta de cosmopercepções algorítmicas significa desafiar os algoritmos para que possamos ressignificar os sentidos e significados com os quais apreendemos identidades de sapatonas e lésbicas negras e as narrativas que construímos a partir dessas noções. Significa, também, reconhecer que códigos são elaborados por seres humanos racializados, que falam a partir de um contexto específico.

Repensar a forma com que compreendemos pessoas, lugares, mensagens, a partir de um funcionamento eurocentrado e colonial que privilegia o sentido da visão é também realizar um deslocamento diário dessa lógica. Quais seriam os outros resultados possíveis que poderíamos ter ao buscarmos as subjetividades de mulheres lésbicas e sapatonas na internet? Bem, eu, enquanto sapatão negra brasileira, sei que gostaria de uma mudança algorítmica para que os resultados apresentados retratassem e captassem as complexidades e subjetividades do que é ser sapatão e mulher negra.

### **Considerações finais: A não-humanidade de corpos de sapatonas negras - reflexões sobre fronteiras físicas e digitais**

Sob a ótica da cosmovisão, sapatonas e mulheres negras são desumanizadas e desapropriadas de suas vidas e subjetividades. Conforme vimos, para as ferramentas de busca, o termo “lésbica” representa majoritariamente pessoas brancas ou relações hiperssexualizadas entre mulheres. Pensar na cyber-esfera é também compreender que nós, sapatonas e lésbicas negras, estamos localizadas às margens no georreferenciamento algorítmico e físico, que se misturam. Julianna Motter demonstra isso quando compreende a internet enquanto lugar de disputa e, portanto, de ocupação territorial, considerando a fluidez das fronteiras entre o real e o virtual. A pesquisadora aponta que

não há mais diferença entre se comunicar com um vizinho ou com uma pessoa que está em outro continente”, tendo em vista que “a própria lógica de conversação assimila para si uma outra noção de velocidade, porque já não é mais necessário que o outro esteja presente e que responda imediatamente para que a ideia de um diálogo seja estabelecida. (MOTTER, 2018, p.44).

As mortes acontecem em todas as esferas - virtuais e físicas. Luana Barbosa dos Reis, Katiane Campos de Gois e Juliene dos Santos, são algumas dentre muitas negras lésbicas e sapatonas assassinadas diariamente, cujas vidas e mortes são invisibilizadas, subnotificadas. Mas, quantas mais têm suas identidades feridas todos os dias com violências racistas e lesbofóbicas em mídias sociais e ferramentas de busca? A partir da compreensão de que cosmovisão é parte dessa lógica eurocentrada e colonial que retroalimenta e perpetua a desumanização de corpos de sapatonas negras, é interessante refletirmos sobre a proposta foucaultiana de biodispositivo de poder, que se manifesta dentro e fora da cyber-fronteiras, termo desenvolvido pela pesquisadora negra

estadunidense Anna Everett para designar o processo de afro-diáspora cibernética em América Latina e Estados Unidos (EVERETT, 2009, p.1).

Sueli Carneiro, ao racializar a noção de Foucault de biodispositivo de poder, nos traz que este conceito é formado heterogeneamente, a partir do conjunto de discursos, instituições, organizações arquitetônicas, ideais morais, filosóficos e se estende entre conexões e manifestações expressas (ditas) e não expressas (não ditas) (CARNEIRO, 2005, p.38). Dessa forma, nos é possível compreender que os algoritmos refletem exatamente um biodispositivo de poder a partir da lógica de cosmovisão.. Dessa forma, temos, então, um dispositivo de poder.

“a noção de biopoder emerge na reflexão foucaultiana no contexto da discussão sobre o poder sobre a vida e a morte. Foucault buscará na teoria clássica da soberania as matrizes teóricas da problematização da vida na qual, segundo ele ‘o direito da vida e de morte era um dos atributos fundamentais’ (Foucault, 2002, p.286). Nessa visão, o gabarito de inteligibilidade dos processos históricos será a guerra e para Foucault ‘(...) essa guerra fora concebida, inicial e praticamente durante todo o século XVIII ainda, como guerra das raças’ (Foucault, 2002, p.285).” (FOUCAULT apud CARNEIRO, 2005, p.38.)

É com base nessa noção de biopoder e necropolítica, conceito desenvolvido por Achille Mbembe (2011), compreendendo que é o Estado faz viver e deixar morrer (CARNEIRO, 2005, p.38), que reflito sobre a desumanização de corpos de lésbicas, sapatonas negras, e sobre nosso não-lugar nas fronteiras física e digitais. Para isso, convido a leitora/o leitor a pensar sobre as diversas formas de morrer, quando falamos, aqui, de necropolítica e biodispositivo de poder.

Para mim, enquanto pesquisadora sapatão negra, filha da diáspora africana, morrer também significa ter-me sido desapropriada da compreensão de minha sexualidade e identidade de sapatão negra por tanto tempo. O Estado mata por não nos deixar existir, tanto no campo físico, enquanto integridade física, quanto no campo subjetivo, em termos de possibilidade de existências e experiências. Numa sociedade



calcada pelo racismo e machismo, como a brasileira, a noção tradicional de direitos humanos, forjada num pressuposto projeto político de falsa igualdade, não permite que pessoas como eu vivam em sua plenitude. Nesse sentido, Ochy Curiel destaca que

É preciso uma reinvenção constante do que entendemos por direitos humanos, de forma a abarcar vidas de sapatonas e lésbicas negras desde uma perspectiva de fronteiras cibernéticas e física. Nesse sentido, Joaquín Herrera Flores, pesquisador branco espanhol, sob uma perspectiva crítica de direitos humanos, defende uma proposta de que o conteúdo básico dos direitos humanos deve ser “o conjunto de lutas pela dignidade, cujos resultados, se é que temos o poder necessário para isso, deverão ser garantidos por normas jurídicas, por políticas públicas e por uma economia aberta às exigências da dignidade” (FLORES, 2009, p.33)

É a partir da concepção do Estado enquanto agente plenamente atuante na escolha de matar e deixar morrer negras lésbicas e sapatões e suas subjetividades que devemos nos esforçar para mudar a forma com que nossas vidas são contadas por algoritmos digitais. O Estado também se responsabiliza pelos algoritmos utilizados em massa, com papel de fiscalizar grandes companhias de tecnologias e as formulações matemáticas enviesadas por trás delas.

Pensar nas possibilidades de cosmopercepções algorítmicas significa tentar mudar a estrutura, repensá-la por novas lentes decolonizadas. Significa também, pensarmos no lugar de responsabilização do Estado e das empresas que criam esses algoritmos digitais, composta em sua maioria por homens cisgêneros, brancos e heterossexuais, pelas formulações matemáticas utilizadas sob uma cosmovisão racista, machista e lesbofóbica.

## Referências

BENJAMIN, Ruha. **Race after technology: abolitionist tools for the new Jim Code**. Cambridge: Polity Press, 2019.

Vol. 05, N. 17, Mai. - Ago., 2022 - <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>

CARNEIRO, Sueli. Tese. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

EVERETT, Anna. **Digital diaspora: a race for cyberspace.** Suny series, cultural studies in cinema/video. State University of New York Press: Albany, 2009.

FLORES, Joaquín Herrera. A (re)invenção dos direitos humanos. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Revista Sociedade e Estado. Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, abril de 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922016000100025&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100025&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11/12/2018.

LORDE, Audre. **Sister outsider - Essays and Speeches.** Crossing Press: Berkeley, 1984.

MATEBENI, Zethu. Tese. **Exploring Black Lesbian Sexualities and Identities in Johannesburg.** Faculty of Humanities. University of the Witwatersrand. Johannesburg, 2011.

MOTTER, Julianna P.J. **Falar do ódio fora do ódio: testemunho de ativistas lésbicas sobre o discurso de ódio nas redes sociais.** Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (UnB). Repositório institucional, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34284> > . Acesso em 04 de maio de 2020.

MOTTER, Julianna. **Google, a compreensão das lesbianidades e o dever algorítmico.** Ciberfeminismos 3.0. LabCom Comunicação e Artes: Covilhã, 2021.

NOBLE, Safiya. **Algorithms of Oppression - how search engines reinforce racism.** New York University Press: Nova York, 2018.

PATEL, NEIL. **Sites de busca: conheça os 13 buscadores mais utilizados do mundo.** Site: neilpatel. Disponível em: [Conheça os 13 Sites de Busca Mais Usados no Mundo \(neilpatel.com\)](https://neilpatel.com/13-most-used-search-engines/)>. Acesso em 17/05/2021.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects** in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** Tradução para uso didático de:

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres - construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** São Paulo: Bazar do Tempo, 2021. Tradução: wanderson flor do nascimento.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture.** MIT Press: Cambridge, 2014.

SILVA, Tarcizio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos.** Organização e Edição: Tarcizio Silva; Revisão Ortográfica: Toni C.; Demétrios dos Santos Ferreira; Tarcizio Silva; Gabriela Porfírio; Taís Oliveira; Tradução: Vinícius Silva; Tarcizio Silva; Ilustração de Capa: Isabella Bispo; Diagramação: Yuri Amaral; Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.

VEIGA, Lucas. **As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil.** Vol.: 12; n°. 01, junho de 2018. ISSN: 2176-5782. Revista Tabuleiro de Letras (PPGEL): Salvador, 2018.

## **Epistemologies of the body: Black sapatonas (dykes) and world-sense algorithmics**

**Abstract:** This article aims to raise reflections on epistemologies of the body from an analysis of the experiences of corporeality and (de)humanizations of Black sapatonas (black dykes) inside and outside cyber-borders. The specific objective is to analyze the cyber-sphere and narratives on the bodies of black shoes from a perspective of the world-sense algorithm, presented by the author Oyèrónké Oyèwùmi. The main idea is that through Oyèrónké's world-sense perspective within algorithmic analysis we'll be able to raise reflections on how the results obtained by the internet search engines are based on a eurocentric, racist and homophobic cosmivision that is enlaced within digital algorithms. In order to do that, I use the methods of bibliographic review and digital ethnography, analyzing search engines in Brazil.

**Keywords:** world-sense algorithmics; black dykes; lesbianities; decoloniality.

**Recebido: 07/06/2021**

**Aceito: 22/06/2022**